

# POR UMA PROBLEMATIZAÇÃO DOS ESTUDOS DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO BRASIL: O CAMPO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

## POR UNA PROBLEMATIZACIÓN DE LOS ESTUDIOS DE GÉNEROS PERIODÍSTICOS EN BRASIL: EL CAMPO Y LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN

[ ANA CAROLINA ROCHA PESSÔA TEMER ]

Posdoctora de la Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doctora y Maestra en Comunicación Social de la Universidade Metodista de São Paulo. Investigadora del Proyecto Bases Epistemológicas para uma Leitura Crítica da Mídia. Coordinadora del grupo de trabajo Estudios de Periodismo de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAI). Profesora del Programa de Posgrado en Comunicación de la Faculdade de Informação e Comunicação de la Universidade Federal de Goiás. E-mail: anacarolina.temer@gmail.com

[ SIMONE ANTONIACI TUZZO ]

Posdoctoranda y Doctora en Comunicación de la Universidade Federal do Rio de Janeiro. Maestra en Comunicación de la Universidade Metodista de São Paulo. Coordinadora del Proyecto Bases Epistemológicas para uma Leitura Crítica da Mídia. Investigadora del Centro de Investigação Mídia e Jornalismo de la UNL. Professora del Programa de Posgrado en Comunicación de la Faculdade de Informação e Comunicação de la Universidade Federal de Goiás. E-mail: simonetuzzo@hotmail.com

**Recibido:** septiembre 30 de 2014

**Aceptado:** noviembre 13 de 2014

## RESUMO

Esse trabalho é parte das reflexões do Grupo de Pesquisa Bases Epistemológicas para uma Leitura Crítica da Mídia, desenvolvido pela Universidade Federal de Goiás e a Universidade Federal do Rio de Janeiro no Brasil. O foco é uma reflexão sobre o conceito de gêneros jornalísticos e em especial a sua utilização dentro da tradição histórica sobre os gêneros jornalísticos no Brasil. Aponta-se para a importância do estudo a partir de um viés crítico, indo além das classificações didático-profissionais, de forma a ter elementos para compreensão do jornalismo como atividade inserida em uma dupla conexão de prestação de serviço e atividade voltada para o lucro.

**Palavras chave:** gêneros jornalísticos, Brasil, comunicação, conceitos, jornalismo.

## RESUMEN

Este trabajo forma parte de las reflexiones del Grupo de Investigación Bases Epistemológicas para una Lectura Crítica de los Medios, desarrollado por la Universidad Federal de Goiás y la Universidad Federal de Rio de Janeiro en Brasil. El enfoque es una reflexión sobre el concepto de géneros periodísticos y en especial de su uso dentro de la tradición histórica de los géneros periodísticos en Brasil. Se señala la importancia de estudiar los géneros periodísticos a partir de un sesgo crítico, más allá de las clasificaciones didácticas y profesionales, con el fin de tener elementos para la comprensión del periodismo como una actividad integrada en una doble conexión de servicio y actividad con fines de lucro.

**Palabras clave:** géneros periodísticos, Brasil, comunicación, conceptos, periodismo.

## INTRODUÇÃO

A palavra *gênero* deriva do latim *genus/generis* (família, espécie), mas seu uso se estende para classificar as diferentes possibilidades/intencionalidades dos discursos, sendo inicialmente utilizada na distinção entre lírico, épico e dramático. Após a invenção da escrita os gêneros tornam-se mais numerosos, e sua classificação migra para a literatura e fundamentação da clássica separação entre poesia e prosa (Todorov, 1990). A complexidade do estudo sobre Comunicação e particularmente sobre o jornalismo têm impelido os pesquisadores brasileiros na busca de fundamentações teórica e metodológica que melhor permitam compreender a lógica dos processos de produção do conteúdo do jornalismo. Essa fundamentação tem sido buscada também por jornalistas que encontram na prática profissional fundamentos para suas reflexões teóricas e que tem sofrido novos desdobramentos em função dos vínculos do jornalismo com novas mídias. Estes estudos foram fortemente influenciados por Bakhtin (1981), que aponta a natureza social e ideológica da linguagem, mas também por Martínez Albertos (1983), que parece ser o ponto de partida dos estudos sobre Gêneros Jornalísticos no Brasil, iniciado por Luiz Beltrão, que desenvolveu a

trilogia: *Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980).

O conceito de Gênero visto por Utard (2003) como agrupamentos de trabalhos semelhantes, e por Jost (2004), como predisposições provisórias para o entendimento que fornecem ao emissor um conjunto de possibilidades lingüístico-visuais delimitados e previamente conhecidos pelos receptores é compreendido no contexto brasileiro a partir da proposta de Martín-Barbero (1997) como "(...) mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e do sistema de consumo». Entre os estudos sobre gêneros aplicados à comunicação está a definição de categorias de Lasswell/Wright (1936, 1948, 1964, apud Wolf, 2001, p. 114), que estabelece correlações entre as unidades de comunicação e as funções que desempenham no organismo social. No Brasil, Seixas (2004) e Chaparro (1998) destacam também as contribuições do pesquisador Jacques Kayser (Parrat, 2001), e nos estudos de Jornalismo comparado que, dando continuidade aos trabalhos de Beltrão, foram desenvolvidos por Marques de Melo (1985), e cujo desenvolvimento prossegue até os dias atuais com diferentes autores.

No modelo de jornalismo brasileiro, que predomina a empresa privada e o lucro, a dinâmica dos gêneros envolve uma procura constante por alternativas de con-

quista de audiência e novas experiências, eventualmente buscando inspiração ou adaptando bons resultados de conteúdos que não se relacionam diretamente com o jornalismo. Considerando as contribuições dos autores brasileiros e o diálogo científico com outros pesquisadores entende-se que, ainda que falar sobre uma teoria dos gêneros jornalísticos seja prematuro, o intercruzamento dos aspectos teóricos aqui anotados permite-nos pensar que os gêneros atuam como forma do jornalismo organizar o caos informativo. Essa organização espelha, de forma imperfeita (e eventualmente deturpada de forma intencional ou não), a percepção da hierarquização dos temas que compõem a esfera pública, ou seja, daquilo que é público e sendo público deve ser publicamente discutido. A atuação dos gêneros na organização das informações se dá tanto na hierarquização dos temas, quanto na alocação de valores que determinam quais assuntos serão tematizados e a forma como serão tematizados.

### **A complexidade do tema tem instigado os pesquisadores da área a buscar elementos que permitam compreender o processo comunicativo de forma menos fragmentado**

#### **1 - MAS POR QUE ESTUDAR OS GÊNEROS?**

Uma das grandes dificuldades do estudo da Comunicação, e por extensão, do jornalismo, são as amplas possibilidades de abordagem que estes estudos oferecem. De fato, indo muito além da tríade clássica do postulado Aristotélico, que buscava entender a comunicação a partir de estudos definidos pelo orador – discurso – audiência (emissor – mensagem – receptor), a complexidade do tema tem instigado os pesquisadores da área a buscar elementos que permitam compreender o processo comunicativo de forma menos fragmentado, mas que igualmente permitam manter a dinâmica que os estudos da Comunicação, e particularmente do Jornalismo, exigem.

De fato, um dos elementos que qualificam o jornalismo minam quais assuntos serão tematizados e a forma como serão tematizados. Sobressai de tal maneira, que oblitera outros aspectos importantes. Para melhor entender as complexas relações que envolvem a atividade, pesquisadores têm direcionado seus olhares na busca de fundamentações teóricas e metodológicas que melhor permitam compreender a lógica dos processos de produção do conteúdo do jornalismo. Em muitos casos, estes estudos foram desenvolvidos por profissionais do jornalismo, que fundamentaram suas reflexões teóricas em conhecimentos também adquiridos na prática profissional. Aliás, este parece ser o ponto de

partida dos estudos sobre Gêneros Jornalísticos no Brasil, e particularmente nos estudos desenvolvidos pelo jornalista e pesquisador Luiz Beltrão.

Entender de forma mais aprofundada a utilização do conceito de gênero nos estudos sobre comunicação social e, mais especificamente, no jornalismo, e a sua compreensão enquanto elementos mediadores do processo comunicativo, especialmente na leitura do conteúdo do jornalismo é um passo importante para a estruturação do pensamento crítico comunicacional, ou seja, entender os aspectos pertinentes na elaboração do conceito de gêneros, buscando as suas origens e os vínculos que possui com outros termos e/ou conceitos utilizados nos estudos sobre a comunicação, e com as Teorias da Comunicação, mas também colocando-os em confronto com a definição weberiana de Tipo Ideal, em uma proposta de acrescentar dados a taxionomia do campo faz-se importante para os estudos da comunicação e do jornalismo em particular.

Ainda que na Grécia Clássica Aristóteles já destacasse que “o homem é um animal que fala” e, com isso, colocasse a comunicação como elemento definidor da condição “humana”, os estudos sobre a comunicação nunca

foram proporcionais a sua importância.

A ampliação do uso das técnicas de impressão e a institucionalização do jornalismo não alterou significativamente essa relação, mas as mudanças que a acompanharam o crescimento e a popularização da imprensa sem dúvida foram fatores importantes para que o tema chegasse, ainda que timidamente, a academia. Comparativamente a outras áreas, poucos foram os trabalhos desenvolvidos entre a primeira tese sobre o jornalismo, defendida em 1690, pelo alemão Tobias Peucer, e o Primeiro Congresso da Associação Alemã de Sociologia, em 1910, quando Max Weber coloca o jornalismo como “o primeiro tema adequado para um estudo genuinamente científico.” (Weber, 2005, p.14), entendendo os jornais como algo mais do que “simplesmente empresas capitalistas com a ânsia do lucro, mas também organizações políticas que funcionam como clubes políticos” (Weber, 1972, p.80-81). No entanto, a partir desse ponto, a importância estratégica e o uso político do jornalismo levaram muitos estudiosos a compreenderem que falar de jornalismo é falar de política em meio à sociedade.

Na Alemanha os estudos sobre o jornalismo tem prosseguimento com Otto Groth, discípulo de Max Weber, que iniciou os estudos sobre as bases da “jornalística”. Groth delimita os quatro conceitos fundantes (ou características definidoras) do jornalismo: Atualidade (diz respeito a fatos

novos, que tenham como referência o cotidiano); Periodicidade, regularidade ou frequência (intervalo de tempo que separa as diferentes edições); Publicidade ou Difusão Coletiva (aquilo que é público, que pode e deve ser conhecido), universalidade ou variedade (o acervo de conhecimentos humano, a sociedade e a cultura).

Fora da Alemanha, o ex-jornalista e sociólogo<sup>1</sup> norte-americano Robert Park inicia em 1922 um trabalho sobre a natureza das notícias, entendendo que o jornalismo deve orientar o indivíduo e a sociedade para a vida diária no mundo real, e “têm como incumbência a construção da coesão social” (Park, 1972, p.183).

Nas décadas seguintes, os estudos sobre o jornalismo atingiram uma considerável estabilidade nos Estados Unidos, com cursos de graduação e doutoramento. No entanto, em 1943, ocorre uma mudança no enfoque destes estudos, que passam a ter uma postura multidisciplinar. Esta postura<sup>2</sup> é revista anos mais tarde pelos pesquisadores da Escola de Jornalismo de Columbia, em Nova Iorque, que reconhecem as deficiências na formação dos profissionais de imprensa. A mudança anos mais tarde pelos pesquisadores da Escola de Jornalismo de Columbia, em Nova Iorque, que reconhecem as deficiências na formação dos profissionais de imprensa. a atividade jornalística, mas também o jornalismo tem delimitações específicas, que devem ser vistas de forma igualmente específica. Como consequência, no final dos anos 1950 e na década seguinte volta a ter destaque em trabalhos científicos dominados pelo paradigma do selecionador ou *gatekeeper*.

No final da década, inicia-se uma nova fase de investigação do jornalismo com o surgimento do *new journalism*, com abordagens que destacam os significados ideológicos desta atividade, em análises influenciadas por autores marxistas e pelo foco na natureza problemática da linguagem, além de abordagens interdisciplinares que combinam a análise linguística, o discurso analítico, psicológico e

sociológico do discurso informativo e dos processos jornalísticos.

No Brasil, a implantação tardia da imprensa também retarda o interesse na área. No entanto, aos poucos os registros históricos dos jornais e os debates jurídicos sobre as normas para o seu funcionamento vão sendo substituídos por discussões mais aprofundadas, ainda que centradas na análise da notícia, considerada por diversos autores como a *alma* do jornalismo (Marcondes, 1986, p. 12). A partir destas perspectivas, numerosos autores, como Juarez Bahia, Marcondes Filho, Adelmo Genro, e muitos outros, trazem novos elementos para a construção teórica do jornalismo. Também com um enfoque centrado na práxis, caracterizando o jornalismo como forma de conhecimento do mundo que surge no capitalismo, ao lado da ciência e da arte, autores como Luiz Beltrão, Marques de Melo e Manuel Carlos Chaparro, desenvolvem trabalhos sobre a questão dos gêneros jornalísticos, dando início a uma linha de pesquisa que foge da perspectiva ingênua de que o jornalismo é um espelho da realidade, mas que igualmente considera que, ainda que o conteúdo do jornalismo não seja a realidade em si, os vínculos com a realidade são a base fundadora da atividade<sup>3</sup>.

## Seu aspecto mais importante é que os gêneros são mutáveis, sofrem transformações internas e externas que refletem um momento da sociedade

### 2 - SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO

Os gêneros servem para classificar as diferentes possibilidades/intencionalidades dos discursos. Tendo sido inicialmente utilizada na distinção entre lírico, épico e dramático, vistos na época como as três formas discursivas fundamentais, com a invenção da escrita alfabética os gêneros tornam-se mais numerosos e começam a se atrelar aos usos característicos da escrita. O termo migra para a literatura, fundamentando a clássica separação em entre poesia e prosa Todorov (1990), mas logo a Retórica também apresenta sua classificação, reconhecendo três tipos de discursos

1. Os estudos sobre jornalismo de Groth não encontraram terreno fértil na Alemanha, que priorizou a pesquisa em Comunicação de Massa instrumentalizada pelo Nazismo, e que mais tarde deram base científica o Ministério da Propaganda.

2. A mudança ocorre quando o pesquisador Wilbur Schramm assume o posto de Diretor da Escola de Jornalismo de Iowa, e implanta mudança na concepção do curso tornando-o multidisciplinar e incluindo pesquisadores de outras áreas das ciências humanas. A partir daí desenvolve-se a noção de que as práticas profissionais constituem “um objeto menor, meramente técnico e irrelevante diante dos novos interesses trazidos por este aporte pluridisciplinar” (Meditsch, Ayres & Sangala: 2008)

3. A verdade existe no jornalismo como meta a ser alcançada no texto, e o seu inverso – a mentira, a fantasia, a invenção – é a sua negação. Ainda que o material jornalístico possa destacar um aspecto do outro, não podem fugir da realidade. Suprimir a informação – censurar, omitir, deturpar – são elementos que comprometeram a credibilidade, qualidade atribuída aos veículos jornalísticos a partir do compromisso com a realidade/verdade – é o capital simbólico do jornalismo.

sos: o deliberativo, o judiciário, ou forense, e o epidítico, ou de exibição. Logo ficou claro que diferentes atividades da vida humana requerem diferentes repertórios de gêneros, e que esse conjunto aos poucos vai diferenciando-se e tornando-se mais complexo. (Brandão, 2002).

Em um conceito abrangente, podemos dizer que gêneros são agrupamentos de trabalhos semelhantes, auxiliando a produção e leitura destes trabalhos. A classificação por gêneros pode ser feita a partir das estruturas, da estética, e da intencionalidade, ou mesmo a partir de temas, assuntos ou abordagens, mas seu aspecto mais importante é que os gêneros são mutáveis, sofrem transformações internas e externas que refletem um momento da sociedade.

### **A teoria classificatória dos gêneros jornalísticos não se criou inicialmente com uma preocupação filológica ou literária, mas como uma técnica de trabalho para a análise sociológica de caráter quantitativo das mensagens que apareciam na imprensa**

O gênero é um conceito chave porque fornece ao emissor um conjunto de possibilidades lingüístico-visuais delimitados e previamente conhecidos pelos receptores. Assim, o gênero pode ser entendido também como uma promessa de conteúdo, ou ainda “um acordo no qual emissor e receptor reconhecem que se comunicam e o fazem por razões compartilhadas” (Jost, 2004, p.9). O conceito é também entendido como uma abordagem ritual, uma relação de troca entre o emissor e a audiência, por meio da qual o texto se define, ou ainda como “estratégia de comunicabilidade” (Martín-Barbero, 1997, p.301).

Desta forma, os gêneros constituem também um sistema de referência com princípios socialmente interiorizados, definidos a partir de condições socialmente pré-estabelecidas, ou seja, condições externas aos gêneros, como a época e o local. Esse sistema engloba também “modos de dizer”, ou a estrutura interna que caracteriza cada gênero, modos de fazer ou rotinas de produção, elementos que determinam a relação de dependência ou separação com os outros gêneros, ou ainda formas de interagir e interpretar a sociedade.

Os gêneros se constituem em sistemas de referência que permitem tanto a elaboração de modos ou estratégias de produção dos conteúdos como também, ou sobretudo, permite aos receptores uma leitura condicionada (pelos limites do próprio gênero) da parcela da realidade social oferecida, respeitando as características de cada gênero subjetivamente consolidadas no imaginário social.

Os gêneros, portanto, são ao mesmo tempo um direcionamento ou modelo de produção para os emissores, e uma possibilidade de prévio entendimento do conteúdo para o receptor, em um processo de “(...) mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e a do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos”. (Martín-Barbero, 1997, p.298). Desta forma, os gêneros devem ser compreendidos como uma estratégia de construção de conteúdos/identidades midiáticas, pois se consolidam como produtos facilmente reconhecidos pelos receptores, que a partir daí podem definir automaticamente sua utilização e partilhar suas representações.

Ainda que o gênero possa ser definido a partir de sua inclusão em um sistema de classificação, no qual pode ser enquadrado em grupos, categorias ou outra definição de conjunto, sua importância vai além dessa classificação, uma vez que ele possui elementos que permitem entender aspectos importantes da produção e da recepção. Compreender a dinâmica dos gêneros é também

compreender uma relação de “pertencimento” uma troca sensível entre produtores e receptores, “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” (Jodelet, 1989, 31-61).

Dessa forma, podemos entender os gêneros como sistemas de orientação, expectativas e convenções que circulam nos processos de comunicação, e que fornecem antecipadamente ao receptor um contexto interpretativo, controlando ideologicamente as reações da audiência. O gênero é uma forma de saber que modeliza o objeto, suficientemente perene para ser facilmente reconhecível, mas igualmente capaz de evoluir e se adaptar às mudanças da tecnologia, das relações econômicas ou de mercado e mesmo na relação com outros gêneros.

Assim, o gênero é instrumento para entender os processos comunicativos em seus diferentes usos, sendo particularmente útil para investigar a comunicação massiva e para uma leitura crítica dos meios.

### **3 – A UTILIZAÇÃO DOS GÊNEROS NOS ESTUDOS SOBRE JORNALISMO**

Os primeiros registros localizados que podem ser vinculados aos estudos sobre gêneros<sup>4</sup> aplicados a comuni-

<sup>4</sup> O termo tem outro sentido dentro da Teoria Crítica, que não se inclui na abordagem proposta nesta análise.

cação aponta para definição de categorias comunicacionais elaboradas por Lasswell/Wright<sup>5</sup>, que estabelece as correlações existentes entre as unidades de comunicação e as funções que desempenham no organismo social.

Outras fontes como Seixas (2004) e Chaparro (1998) atribuem o início destes estudos aplicados ao jornalismo aos trabalhos desenvolvidos pelo professor José Luiz Martínez Albertos, da Universidade de Navarra (Espanha), em 1950, que desenvolveu a ‘teoria normativa do gênero jornalístico’, ou ainda ao pesquisador Jacques Kayser (Parrat, 2001), que foi o grande divulgador dessa classificação a nível internacional, sendo conhecido, entre outras coisas, pelos estudos desenvolvidos no Ciespal e que influenciaram fortemente os pesquisadores latino-americanos.

Apesar destas dúvidas, é coerente pensar que:

A teoria classificatória dos gêneros jornalísticos não se criou inicialmente com uma preocupação filológica ou literária, mas como uma técnica de trabalho para a análise sociológica de caráter quantitativo das mensagens que apareciam na imprensa [...] tornando-se um método seguro para a organização pedagógica dos estudos universitários sobre Jornalismo. (Parrat, 2001).

Entre os diferentes autores/abordagens dos gêneros, Parrat (2001) resalta quatro “teorias classificatórias” ou possibilidades de uso:

a) *a teoria dos esquemas do discurso*: representada por Van Dijk, que classifica os gêneros a partir de uma perspectiva dualista de grupos de esquemas: narrativos ou relatos, e argumentativo ou artigos;

b) *a teoria normativa dos gêneros jornalísticos*: formulada por Martínez Albertos, que entende que o jornalista, ao usar a narrativa para contar algo, situa-se, intelectualmente no “mundo dos fatos” adaptando sua mensagem a forma de um relato.

c) *a teoria do sistema de texto*: que divide os textos em narrativos, descritivos e argumentativos (Seixas 2004);

d) *a teoria dos gêneros*: sugerida por Lorenzo Gomis em 1989 (Parrat, 2001), e mais próxima da perspectiva adotada neste trabalho, entende que não são estáticos, uma vez que o jornalismo evolui em função da tecnologia, de uma relação do mercado com o seu consumo cotidiano e mesmo da relação com outros gêneros.

A questão dos gêneros jornalísticos tem sido objeto de estudos e pesquisas acadêmicas no Brasil desde a trilogia elaborada por Luiz Beltrão *Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980).

Beltrão realiza uma divisão funcionalista dos gêneros no jornalismo em três categorias: Informativa, Interpretativa e Opinativa. Para ele, Jornalismo Informativo inclui como formatos a Notícia, Reportagem, História de interesse humano e Informação pela imagem; enquanto o Jornalismo Opinativo inclui o Editorial, Artigo, Crônica, Opinião ilustrada, Opinião do leitor; e o Jornalismo Interpretativo inclui a Reportagem em profundidade. Utilizado como referência até mesmo nos dias atuais, Beltrão influenciou pesquisadores como Marques de Melo, que elabora diferentes tabelas de gêneros e formatos (1985, 2003, 2007) sendo que a última inclui além do informativo, opinativo e interpretativo, o jornalismo utilitário e diversional.

## Ainda que na Grécia Clássica Aristóteles já destacasse que “o homem é um animal que fala” e, com isso, colocasse a comunicação como elemento definidor da condição “humana”, os estudos sobre a comunicação nunca foram proporcionais a sua importância

A classificação proposta por Beltrão e Melo são baseadas principalmente na intencionalidade (ou disposição psicológica) do emissor/autor, na natureza estrutural do texto e nos modos de escrita (no estilo do texto), na natureza do tema e/ou assuntos abordados e nas articulações culturais do texto com o veículo mediático no qual ele se expressa.

Também Manuel Carlos Chaparro (1998) apresenta uma classificação dos gêneros, comparando Brasil e Portugal, e questiona a divisão dos gêneros baseada na separação de informação e opinião. Para o autor, essa divisão se firma em um falso paradigma, já que informação e opinião são suportes implicitamente presentes nos discursos jornalísticos. (Chaparro, 1998, p.100). A partir deste paradigma, Chaparro relaciona o jornalismo a duas ações básicas: relatar e comentar, e propõe uma classificação em dois gêneros: comentário (espécies argumentativas – artigo, crônica, cartas e coluna; e espécies gráfico-artistáticas – caricaturas e charges) e relato (espécies narrativas – reportagens, notícias, entrevista, coluna e espécies práticas – roteiros, pre-

5. Ver LASSWEL e WRIGHT In: MORANGAS, 1982.

visão do tempo, indicadores, agendamentos, cartas consulta e orientações úteis).

Em que pese a utilidade prática destas classificações – em particular nos Estudos de Análise de Conteúdo que investigam gêneros e formatos no jornalismo – elas tendem a fazer uma separação entre forma e conteúdo, ignorando outras possibilidades de classificação por gênero a partir de diferentes temáticas ou assuntos.

Tendo como base o estilo do texto e a natureza do tema e/ou assuntos, e as articulações interculturais do texto, podemos também classificar os gêneros a partir da tipologia (tipos de conteúdo) segundo estratégias discursivas direcionadas a grupos de receptores específicos. Se enquadrarmos nesta classificação o jornalismo esportivo, jornalismo feminino, o jornalismo literário, o jornalismo cultural e muitos outros. Neste modelo de classificação não predomina a análise/classificação a partir da “intenção do autor”, mas a efetiva realização de estratégias discursivas estatutariamente definidas por meio de um contrato de leitura de modelos de conteúdos e estilos previamente aceitos pelo emissor e receptor.

Considerando ainda a tipologia do material jornalístico é possível separar a informação nova ou inédita – notícia,

Ainda assim, são poucos os estudos que procuram entender os gêneros a partir de um suporte teórico mais amplo, dando condições para o aprofundamento deste instrumento de análise.

### 4 – GÊNEROS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO MASSIVOS

Os meios de comunicação de massa usam os gêneros como recurso para atender as necessidades de padronização de produto, oposto ao conceito literário de um trabalho de autoria. Na análise dos meios massivos, os gêneros não devem ser vistos como categorias neutras, mas “construtos ideológicos que fornecem e reforçam uma pré-leitura” (Feuer, 1987, p.118): as leituras são direcionadas pelas condições de produção e conduzem os leitores a naturalizarem a ideologia dominante.

Ainda considerando os aspectos relativos ao conteúdo - e lembrando que os gêneros não são estáticos – é preciso lembrar também que classificação por gêneros nos meios de comunicação exige uma reflexão diferenciada em relação a esses meios, seu conteúdo e suas características. Por exemplo: enquanto no jornal impresso, no qual a finalidade expressa do veículo é a divulgação de notícia, é historicamente trabalhado e aceito pelos pesquisadores a classificação do material por categorias (publicidade e jornalismo) e, considerando apenas o material jornalístico, por gêneros jornalísticos; na televisão, com seu conteúdo predominantemente voltado para o entretenimento, a classificação por gêneros é diferenciada, e os produtos jornalísticos se tornam gêneros específicos dentro do conjunto da programação.

ou seja, a dinâmica dos gêneros nos meios de comunicação é influenciada pelas tecnologias de veiculação e produção, mas também – ou, sobretudo - pelas transformações internas dos próprios meios e pelos mecanismos de intertextualidade que atravessa o sistema midiático. Os meios massivos se pautam por uma busca constante por alternativas de conquista de audiência, o que faz com que cada meio faça “novas experiências”, testando sucessos consolidados em outros meios (Wolf, 1986). Além disso, a evolução/ transformação dos gêneros na mídia acontece tanto externamente – novos gêneros, gêneros mistos surgem e desaparecem – como internamente, com mudanças no conteúdo e adaptações que respondem às necessidades da recepção cotidiana e as necessidades do mercado.

ou seja, a dinâmica dos gêneros nos meios de comunicação é influenciada pelas tecnologias de veiculação e produção, mas também – ou, sobretudo - pelas transformações internas dos próprios meios e pelos mecanismos de intertextualidade que atravessa o sistema midiático. Os meios massivos se pautam por uma busca constante por alternativas de conquista de audiência, o que faz com que cada meio faça “novas experiências”, testando sucessos consolidados em outros meios (Wolf, 1986). Além disso, a evolução/ transformação dos gêneros na mídia acontece tanto externamente – novos gêneros, gêneros mistos surgem e desaparecem – como internamente, com mudanças no conteúdo e adaptações que respondem às necessidades da recepção cotidiana e as necessidades do mercado.

## Os gêneros constituem também um sistema de referência com princípios socialmente interiorizados, definidos a partir de condições socialmente pré-estabelecidas, ou seja, condições externas aos gêneros

a informação curiosa ou de “interesse humano” (*os fait-divers*) o jornalismo de serviço, e as matérias de repercussão ou *suïtes*.

Em suas diferentes propostas, as classificações sobre os gêneros jornalísticos continuam como importantes fontes de pesquisas para a academia e elemento didático importante para o ensino do jornalismo.

No entanto, a proposta do estudo dos gêneros já se estendeu para além do jornalismo e configura-se como uma área que gera estudos nos diversos suportes midiáticos e atividades profissionais. Autores diversos já aplicam o modelo à análise do conteúdo de diferentes meios de comunicação: gêneros radiofônicos, gêneros televisivos, gêneros da publicidade, entre outros.

Em todos os casos a base para definição dos gêneros permanece a mesma, uma relação contratual de pré-decodificação do conteúdo, que se realiza por meio de uma estratégia discursiva característica.

Nos meios de comunicação massivos, assim como na literatura, os gêneros refletem um momento da sociedade, se modificando e se adaptando ao meio ao qual estão vinculados ou pelo qual são veiculados. Fiske entende que “os gêneros são populares quando suas convenções têm uma relação próxima da ideologia dominante do momento” (Fiske, 1987, p.111).

No que diz respeito aos meios massivos, os gêneros se definem em um conjunto de características consideradas importantes, um conjunto de formatos e regras de construção, produção e recepção<sup>6</sup>. Reconhecido como contrato entre emissor e receptor, o gênero na cultura de massa é “realizado” através do “texto” ou do conteúdo, que é reconhecido culturalmente pelos grupos.

A dinâmica dos gêneros nos meios de comunicação massivos é também um mecanismo geral de intertextualidade que atravessa o sistema, característica da perda da especificidade medialógica (o rádio se parece com a TV e o jornal com a revista), o que faz com que cada meio de comunicação possa experimentar, receber e manifestar formas expressivas típicas de outros meios. (Wolf, 1986).

Sobretudo, os meios transformam os gêneros em mercadoria, relacionando a influência do consumo deste gênero (ou de mercadorias que podem ser vinculadas a eles) na construção do próprio gênero. De fato, na cultura de massa, a influência do consumo é significativa e a possibilidade de inserção de aditivos ao consumo – merchandising ou outras ações ligadas à publicidade institucional ou comercial – também interfere na dinâmica dos gêneros, cristaliza a relação de alguns gêneros com assuntos ou públicos alvos igualmente determinado ou específicos. No entanto, quando o quando o gênero é assimilado como mercadoria e se transforma em produto a ser vendido (um espaço diferenciado para comercialização) ele tende a ser estabelecido e congelado, o que diminui as suas possibilidades de transformação e adaptação.

A compreensão do conceito de gênero possibilita identificar os valores atribuídos aos produtos da comunicação, bem como as regras que regem o seu conteúdo, que por sua vez são decorrentes desses valores. A partir desse enfoque

o pesquisador pode observar com mais clareza: a) a interferência desses valores e regras na delimitação do conteúdo dos meios, ou seja, os valores que orientam o seu conteúdo; b) a interpretação que o veículo dá ao seu público receptor e a forma como interpreta sua relação com ele a influência dos diferentes gêneros/contêúdos nas questões na nossa vida cotidiana; c) as relações individuais e coletivas entre os diferentes gêneros; d) as transformações internas dos meios de comunicação e as mudanças nas suas relações com a audiência.

O estudo sobre gêneros deve ser encarado como um dos eixos que constituem o estudo sobre as mídias, seu conteúdo e suas relações com a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não seria possível, nos limites impostos a este texto, esgotar aqui a questão dos gêneros. O levantamento teórico aqui vislumbrado aponta a importância desta questão para a compreensão dos meios de comunicação massivos, sua extensão, seu alcance, seu conteúdo e como cada meio enxerga seu compromisso social e sua relação com o público receptor.

A riqueza dos dados oferecidos por meio da articulação da Análise de conteúdo com o estudo sobre gêneros abre

## **A dinâmica dos gêneros nos meios de comunicação massivos é também um mecanismo geral de intertextualidade que atravessa o sistema, característica da perda da especificidade medialógica**

espaço para indagar se esta relação pode ser construtiva de uma teoria para os estudos sobre comunicação. Dessa forma, ainda que falar sobre uma teoria dos gêneros seja prematuro, o intercruzamento dos aspectos teóricos aqui anotados com embasamentos teóricos anteriores, permite algumas conclusões:

Considerando-se que a mídia ocupa um lugar significativo na construção, ampliação, divulgação e partilha de significados simbólicos, podemos concluir que “o mundo é burocraticamente organizado pelos comunicadores”<sup>7</sup>, em uma ação que tem como paralelo a própria organização do pensamento pelo indivíduo. Nesse sentido, os gêneros atuam como forma dos meios organizarem o caos informativo. Essa organização espelha – ainda que de forma imperfeita e eventualmente

6. A dinâmica dos gêneros nos meios massivos não deve ser interpretada do mesmo modo que na cultura culta, ou seja, a partir da ruptura e transgressão. Deve ser vista como inerente ao próprio sistema produtivo, atravessado pela intertextualidade dos outros meios e pela dinâmica da sociedade em que está inserido.

7. A expressão original é: O mundo é burocraticamente organizado pelos jornalistas (FISHMAN, 1990, p. 51)

deturpada de forma intencional – a percepção não consciente da hierarquização dos temas que compõem a esfera pública – ou seja, daquilo que é público e sendo público deve ser publicamente discutido.

A atuação dos gêneros na organização das informações se dá tanto na hierarquização dos temas, como também de forma interna, na alocação de valores que determinam não apenas que assuntos vão ser tematizados, mas, sobretudo, a forma como vão ser tematizados: com seriedade, com leveza ou mesmo de forma satírica, de forma pontual ou reflexiva, abrangente ou setorial, etc.

Entender o conceito de gênero e como ele se articula com os diferentes aspectos relativos ao estudo da comunicação é relevante por que pesquisadores usam o termo gênero em diferentes contextos e vinculado a diferentes abordagens das Teorias da comunicação, eventualmente sem conceituar de forma adequada este uso. Em uma abordagem mais superficial podemos dizer que o uso mais comum do conceito de gênero é utilizado para definir categorias a partir das quais podemos agrupar trabalhos midiáticos semelhantes, que refletem um momento da sociedade, auxiliando a produção e leitura desses trabalhos.

Essa definição, ainda que possível, não exprime toda a complexidade da questão. A partir desta reflexão, podemos pensar numa análise mais completa que possa definir o termo e viabilizar a sua utilização a partir das amplas possibilidades que o conceito oferece. Dessa forma é necessário acrescentar que este estudo apresentou, portanto, um debate teórico e exploratório, que teve como objetivo definir conceitos e levantar hipóteses. Como ponto final – ou ponto inicial de indagação – deste debate, fica a proposta de novos estudos que trabalhem esta perspectiva, fornecendo novos elementos para a sua consolidação teórica.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, M. (1981). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7.º xismo e filosofia da li.
  - Beltrão, L. (1980). *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina.
  - Beltrão, L. (1969). *A imprensa informativa*. São Sformativaormativavaa.
  - Beltrão, L. (1976). *Jornalismo interpretativo: Filosofia e trcnica*. Porto Alegre, Sulina.
  - Brandão, H. N. (2002). Texto, gAlegre, Sulina. voinguagem mIn: *Brandão, H. N.* (org.). G (org.). . Ne, Sulina. voinguagem meio da artic.
  - Chaparro, M. (1998). *Sotaques dlose, Sulina. voinguagemr meio da articulao pesquitanto na hieras e brasileiro*. Santares: Jortejo.
  - Feuer, J. (1987). *Genre study and television*. In: Allen, R. *Channels of discourse s TV and contemporary criticism*, University of North Carolina Press.
  - Fishman, M. (1990). *Manufacturing news*. Austin, University of Texas Press.
  - Fiske, J. (1987). *British Cultural Studies and Television*. In: Allen, R. *Channels of Discourse*. Chapel Hil: University of North Carolina Press.
  - Jodelet, D. (1989). (Ed.) *Les Representacions Sociales*. Paris: Presses Universitaires de France.
  - Jost, F. (2004). *Seis liPresses Universitair*. Porto Alegre: Sulina.
  - Marcondes, F. (1986). *O capital da notSulinaitaires de Francea PressNorth l de segunda Natureza*. Sapital da notSu.
  - Marques de Melo, J. (2003). *Jornalismo opinativo: gtaires de Francea PressNorth l de segunda* . Campos do Jordtivo: gtaires d.
  - Marques de Melo, J. (2007). *História do Pensamento Comunicacional*. Sstória do Pensa.
  - Marques de Melo, J. (1985). *A opinião no jornalismo Brasileiro*. Petrião no jornalismo Bra.
  - Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios no journalism: comunica no jornalismo Brasileir*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
  - Martinez, J. (1983). *Curso general de Redaccia UFRJeironalce*. Barcelona: Paraninfo.
  - Morangas, M. (1982). *Sociologona: Paraninfocia UFRJeironalc*. 2ed. Barcelona: Gustavo Gilli.
  - Parrat, S. "El debate em torno a los glliJeironalcea PressNorth l de se: nuevas propuestas de clasificacion". Zer. *Revista de ester. Revista de de cl*. No. 11. Dispon001.sta dhhttp://www.ehu.es/zer/zer1Iweb/sferparrat.htm. Acesso em: 22 de maio de 2006.
  - Seixas, L. (2004). G. 4assso em: 22 de maio de 2006. rparrat. htmsNorth l de segunda Naturezas e brasileiro Disponso em: 22http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2004/liaseixas2004.doc, Acesso em 22 de maio de 2006.
  - Sodré, M. (1996). *Reinventando a cultura*. Rio de Janeiro: Vozes.
  - Todorov, T. (1990). The origin of genres. In: PORTE, C. *Genres in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
  - Utard, J. M. (2003). O embaralhamento nos giversity Presss/doc2004/liaseixas2004.
- como conceito interdisciplinar para o estudo das transforma4.docixas2004.doco midiática.
- In: *Comunicaceito interdisciplin*. Ano VI Bras interdis.

- Weber, M. (2005). *A Sr3.I Bras interdisciplinar para o estudo da S5r3.I Bras interdi.*
- Weber, M. (1972). *Ci 2r5.I Bras interdisciplinar pa. S2r5.I Bras interdi.*
- Wolf, M. *Teorias da comunicadis. 5 teorias da comunicacad polas da*
- Wolf, M. (1986). *Generi e Massi Media.* In BARLOZZETTI, G. *Il Palinsesto.* MilPalinsestosi Medi.
- Wolf, M. (2001). *Teorias da Comunicaia..* Lisboa: Presença, 2001